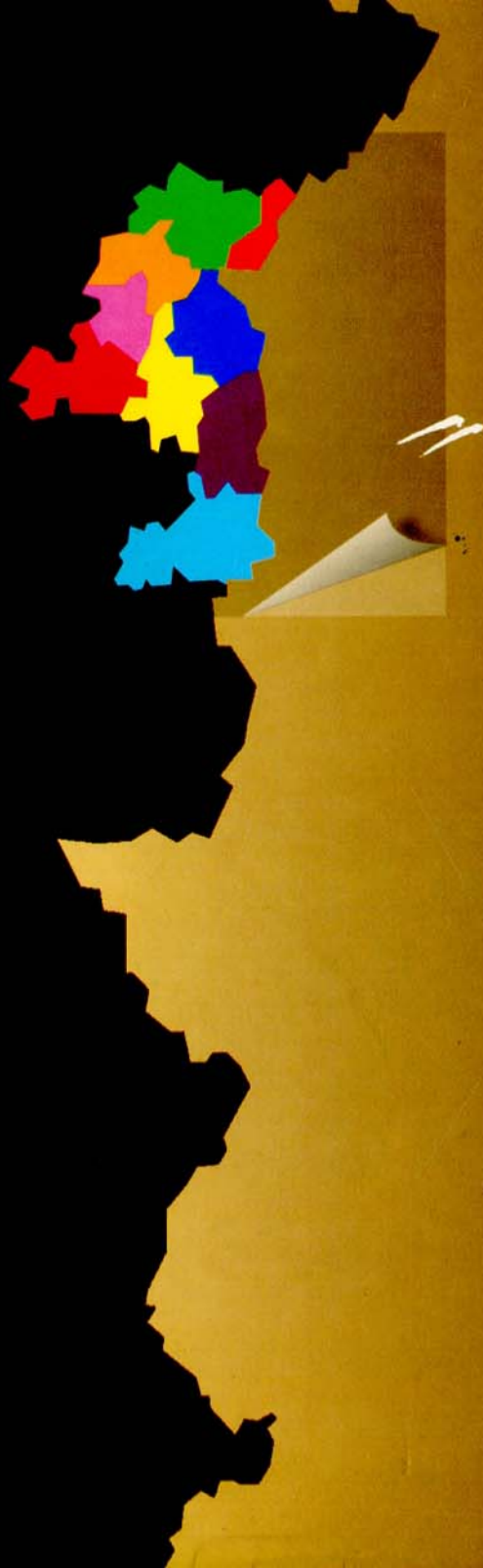




Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEVHID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Introdução	7
CAPÍTULO I	
CENTROS DE POVOAMENTO:	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:	
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilariga	18
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação	
arqueológica em curso	24
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:	
Longroiva, Muxagata e Meda	30
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna	
de Marialva	32
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada	
de Moreira de Rei	36
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento	
com D. Isabel de Aragão	38
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão	
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel	
e o passo do Côa na Ponte Velha	43
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira	
dos séculos XVII e XVIII	51
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de	
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas	
e duas vilas portuguesas	59
CAPÍTULO II	
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO	
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85
– As Quintas	85
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87
– Outras modalidades do povoamento romano	90
– Percursos	92

CAPÍTULO III	
CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Registo de ocorrências discretas	103
<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
CAPÍTULO IV	
SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
A Olaria	135
– A olaria de Felgar / Larinho	136
– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
A Olaria de Malhada Sorda	141
O trabalho do ferro	144
Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
CAPÍTULO V	
TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
Senhora do Castelo de Urros	166
Senhora do Castelo da Adeganha	168
Senhora dos Montes Ermos	170
Marialva	173
Sabugal Velho	174
Caria Talaia	176
Sortelha	178
CAPÍTULO VI	
TERRAS DO BAIXO CÔA:	
PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
As gravuras, a beleza e a liberdade	183
O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Ruprestre (CNART)	196
Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
um programa global de investigação multidisciplinar	205
Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
do Castelo (Almendra)	209



Capítulo V

Terras do Côa:
dominando a paisagem

**Francisco Sande Lemos
Jorge Fortuna
Paulo Dordio
Marcos Osório**

A Senhora do Castelo de Urros é o mais agreste de todos os locais visitados, e talvez por isso um dos mais belos. Na direcção sul - sudoeste sucedem-se as encostas, protegidas da nudez por um manto quase contínuo de giestas, estevas e mato rasteiro, aqui e ali interrompidos na sua monotonia por pequenos rectângulos lavrados e uma ou outra árvore (oliveiras, pinheiros e um esporádico eucalipto), de contornos sinuosos, provocados pela terrível e ininterrupta ventania que se faz sentir. Nas arribas fronteiras ao Douro, de ambas as margens, algumas zonas de socacos abertas recentemente aguardam vinhedos ou oliveirais. A jusante, relativamente perto, desagua o Côa.

Para noroeste, destaca-se na paisagem a povoação de Urros, alcandorada num cabeço de contornos mais suaves, envolta por campos cultivados com a incontornável trilogia de oliveiras, amendoeiras e cereal.

No caminho para a vetusta capela não deixe de parar na Igreja de Santo Apolinário para admirar as frondosíssimas amoreiras, de porte verdadeiramente impressionante, e perscrutar as redondezas à procura da pega azul (*Cyanopica cyanus*) e do sardão (*Lacerta lepida*), do qual vimos um exemplar de tamanho perfeitamente antediluviano.

Jorge Fortuna



SENHORA DO CASTELO DA ADEGANHA

Bragança, Torre de Moncorvo, Adeganha

A Senhora do Castelo situa-se num «castelo» granítico sobranceiro à ribeira da Vilariça, a meia altura entre o altiplano da Adeganha e o fundo do vale, com acesso simultâneo aos solos mais húmidos da depressão e aos solos mais leves e secos do planalto. A sua posição geo-estratégica é excelente, pois que domina amplos horizontes, abrangendo todo o troço inferior do vale da Vilariça. Talvez devido a estas condicionantes é um sítio ocupado ao longo dos milénios, com abundantes materiais. Registam-se cerâmicas calcolíticas, da Idade do Bronze, da Idade do Ferro, da época romana e medievais. Naturalmente, a última sequência é a mais bem representada observando-se inúmeros alicerces de habitações que se dispunham em

socalcos, em especial na vertente sul, e que correspondem ao povoado medieval, o qual teria no templo consagrado a São João o seu centro. É possível que, num afloramento mais destacado, onde hoje se ergue uma capelita, existisse uma torre. Deve também admitir-se a possibilidade da muralha da Idade do Ferro ter sido utilizada em tempos medievais. Seja como for, alguns troços da muralha, que ainda se observam e possuem características semelhantes às muralhas da Cigadonha de Carviçais, consideramos que terão sido erguidas na Proto-História. Na época romana, embora no sopé do monte, a sudoeste, se desenvolvesse um grande povoado, a Senhora do Castelo não foi abandonada, pois que são frequentes tégulas, tijoleiras e cerâmica comum. Este *habitat* terá sido abandonado em definitivo na Baixa Idade Média, quando ocorreu um processo de desvalorização do vale, em benefício dos povoados situados no planalto ou em contrafortes montanhosos.



Da Senhora do Castelo para sudoeste, dominando o Vale da Vilariça

Acesso: para se chegar à Senhora da Adeganha é necessário seguir pela Estrada Municipal que liga as aldeias do planalto, da Cardanha em direcção à Adeganha. Junto a esta última aldeia, toma-se um desvio de terra batida para poente que se percorre durante vários quilómetros, entre rochedos e campos incultos, até se alcançar o santuário.

Localização: Carta 1:25 000: 118; Coord. GAUSS: 288.2; 476; Altitude: 354 metros.

Caracterização: povoado calcolítico; povoado da Idade do Bronze; castro da Idade do Ferro romanizado; povoado medieval.

Bibliografia: ALVES 1934: 154; SANTOS JÚNIOR 1978: 251; PARM s/d.

Francisco Sande Lemos

Santuário da Senhora do Castelo, localizado já praticamente no rebordo do alto de S. João, a seus pés estende-se o magnífico Vale da Vilariça, atravessado pela ribeira do mesmo nome, que para sul desagua no Rio Sabor. No vale, extremamente fértil e intensamente agricultado, sobressaem os campos de oliveiras entrecortados por plantações de cereais. Nas vertentes contíguas à margem esquerda da ribeira a vegetação arbustiva e arbórea é bastante cerrada, tornando-se mais esparsa conforme nos aproximamos do topo. Aqui os cabeços são nus, pedregosos, embora polvilhados de árvores de porte apreciável, nomeadamente sobreiros. Terreno de caça ideal para rapinas, foi-nos dado observar uma águia de Bonelli (*Hieraetus fasciatus*) em voo de prospecção. Não deixe de reparar no majestoso exemplar de sobreiro no cruzamento

para a Adeganha, nas figueiras que se erguem junto aos casais que se multiplicam ao longo da estrada e também nos picanços reais (*Lanius excubitor*), fáceis de detectar.

A provar que a sorte sorri também aos naturalistas (sob a forma de espécies raras), no caminho fomos brindados, perto da ponte que atravessa o Sabor, com a presença de uma cegonha-negra (*Ciconia nigra*), que laboriosamente investigava as margens à procura de alimento.

Jorge Fortuna



SENHORA DOS MONTES ERMOS

Bragança, Freixo de Espada à Cinta

Neste local foram achados um capitel coríntio e um fuste de coluna, elementos arquitectónicos que aparentam ser da época romana e que se encontram à guarda da Câmara Municipal. Na área envolvente da capela não se observam materiais cerâmicos. Pode admitir-se a possibilidade de ter existido um santuário no topo deste monte, considerando as peças encontradas e a proeminência do cabeço, que se destaca no meio da depressão de Freixo.

Acesso: Para se subir ao cabeço toma-se um caminho próprio que parte da Vila de Freixo, para norte.

Localização: Carta 1:25 000: 131; Coord. GAUSS: 311.6; 460.4; Altitude: 607 metros.

Caracterização: provável santuário de época romana.

Próximo da Senhora dos Montes Ermos situa-se o Monte de Santa Luzia correspondendo a um grande povoado aberto, implantado no topo e nas vertentes suaves de um cabeço situado em pleno centro da depressão de Freixo, numa área com excelentes solos cerealíferos (classe A) e microclima favorável aos produtos mediterrânicos. Numa extensa área, no topo e nas encostas do monte, observam-se numerosos fragmentos de cerâmica romana, de construção e doméstica, bem como cantarias em granito que pertenceram